

REFLEXÕES SOBRE HIPERTEXTOS: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E O PROTAGONISMO DO LEITOR*

Mariane de Souza – Universidade de São Paulo

RESUMO: A proposta desta reflexão é lançar um olhar para questões que se relacionam à leitura de hipertextos e enxergá-la como uma ferramenta para construir conhecimento. Nota-se que a leitura hipertextual é capaz de estimular e desenvolver a autonomia e o protagonismo dos leitores que interagem com seus pares em uma rede de significações colaborativa que, por sua vez, está inserida no ciberespaço. Para guiar estas reflexões, o presente artigo se apoia nas ideias de alguns pensadores como o filósofo francês Rancière e sua concepção da leitura como ato político; Vannevar Bush e a proposta de um sistema que se aproxima da estrutura do pensamento humano e os rizomas de Gilles Deleuze e Félix Guatari.

PALAVRAS-CHAVE: Hipertexto. Leitores. Protagonismo. Infoeducação. Construção dos saberes.

INTRODUÇÃO

A informação sob a perspectiva de Le Coadic (2004) trata-se do saber que é inscrito em diferentes manifestações: escrita, oral ou audiovisual e este termo é utilizado hoje com muita frequência em diferentes áreas do conhecimento. Le Coadic (2004) parte das origens físicas e matemáticas para falar sobre informação e chega às concepções que se relacionam com a cognição e comunicação humana afirmando que estas fazem parte de um processo no qual permite a troca de informações entre as pessoas, melhor dizendo, se a comunicação é ato, processo e mecanismo, a informação é produto, substância e matéria.

Deste modo, ainda sobre o mesmo autor, ele expõe o processo de construção do conhecimento como sendo um fenômeno próprio do indivíduo, desta maneira, considera a informação como sendo uma forma de impulso para novos conhecimentos e assim sendo, a informação se torna uma propulsora para o desenvolvimento das ciências sendo, portanto, ao mesmo tempo, objeto e produto educacional. Neste sentido, o avanço no desenvolvimento das TICs, a fluidez cada vez mais dinâmica das informações e o acesso cada vez mais remoto e caminhando para uma difusão maior, reforçam às tendências interdisciplinares das ciências e sobretudo da ciência da informação além de proporcionarem novas maneiras de aprendizado e acesso às informações.

Em uma conferência realizada na Universidade de São Paulo em 2005, Edgar Morin realiza algumas considerações a respeito do conhecimento afirmando que é necessário construir e exercer uma interrelação entre as diversas áreas do conhecimento (integração educacional) uma vez que somos sujeitos de uma sociedade e de uma era planetária. Estas reflexões de Morin se associam às concepções de Perrotti e Pieruccini (2013) sobre os novos saberes para o século XXI, que retoma a importância de haver um modelo educacional transdisciplinar uma vez que vivemos em uma época de hibridação cultural. Partindo deste contexto, a infoeducação associa iniciativas que envolvem os campos da Informação e Educação rompendo o modelo disciplinar e tradicional, ou seja, a infoeducação adota perspectivas transdisciplinares, articulando e

* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016 - <http://evidosol.textolivre.org>

combinando diferentes saberes e fazeres considerando a era da informação. Desta forma, a infoeducação também se relaciona a competência informacional, isto quer dizer que além do “saber fazer” o sujeito também deposita sentido naquilo que faz e além disso, a infoeducação reconhece os espaços (escolas, bibliotecas, etc.) como lugares de formação e informação que são complementares e auxiliaadoras no processo de formação de pessoas e não mais (apenas) detentoras de conhecimento, de saber e de informação.

Devido a facilidade pela qual as informações se difundem em rede, Perrotti e Pieruccini (2013) afirmam que não há condições e nem interesse por toda e qualquer informação que nos chegam, pois, essa velocidade é muito superior a nossa capacidade de acesso, seleção, organização, interpretação. Desta forma, nos deparamos com uma situação que “o muito pode ser o pouco, o mais ser o menos” (p. 15). Neste sentido, os autores mencionam a necessidade de se ter uma bússola que nos auxilie na navegação neste oceano sígnico repleto de informações.

Neste contexto, este trabalho busca contribuir para a área da ciência da informação e, sobretudo, para os estudos da infoeducação. Propõem pensar o modo de se apr(e)ender informações e, deste modo, estuda os hipertextos – uma das grandes características do ciberespaço e da internet – a leitura no ambiente digital e o protagonismo que a internet pode proporcionar ao leitor e aos seus interesses de leitura.

1 HIPERTEXTO E A CONSTRUÇÃO DE SABERES

Em “Políticas da escrita”, Jacques Rancière propõem compreender como são articulados os modos de fazer, ser e dizer dentro do jogo de construção de sentidos e valores sociais. Neste sentido, a escrita é essencialmente política uma vez que a palavra possui poderes que se articulam entre a ordem do discurso e as práticas sociais e possui a habilidade de dividir posições ideológicas.

A escrita e a produção de um texto passa por uma tríade: autor, obra e leitor, porém, é necessário observar que hoje, a produção textual não se trata apenas de um circuito fechado. Isso quer dizer que o autor não atua somente como um agente que define a identidade de um texto, mas há uma descentralização de quem escreve em diversas funções e vozes. A desarticulação do autor é de fato a ideia do texto como produtividade que se imbrica numa rede de conexões e novas significações que se relacionam com diferentes mídias, por exemplo, cinema, teatro, peças publicitárias. A inversão da lógica de centralidade no processo de significação estabelecido com a leitura da obra implica um processo de interação e apropriação realizada pelos leitores. Sendo assim, compreender o hipertexto, é compreender que as narrativas a partir destas complexificações desloca o centro que circula informações para uma rede de significações discursivas. (NOJOSA, 2014)

Em grande parte dos artigos que tratam das origens e da história do hipertexto, está Vannevar Bush que, em 1945, escreve “*As we may think*” após a Segunda Guerra Mundial, neste artigo, Bush propõem um sistema que se aproxima da estrutura do pensamento humano. A importância deste trabalho se destaca em, pelo menos, dois pontos: o início da ideia do que hoje chamamos de hipertexto e a concepção de que a mente humana atua de maneira não-linear e por associações (RIBEIRO, 2008). Neste sentido, os estudos feitos por Bush ressaltam a adequação do hipertexto à estrutura do pensamento humano, proporcionando que mais tarde se inaugurasse uma nova postura frente à leitura: se a cibercultura requer uma leitura de caráter funcional no contexto da velocidade das informações, da simultaneidade, é inevitável que ocorra transformações

entre espaço e leitura na contemporaneidade. (MOREIRA e BARRETO, 2007) Nojosa (2014) caracteriza o hipertexto como sendo “um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras, etc” (p.74) sendo assim, percebe-se que a função do hipertexto é ampliar sua rede de significações. Para entender o hipertexto sob uma perspectiva filosófica, Nojosa propõem refletir sobre a ideia de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guatari:

(...) um livro, ou qualquer produto cultural, existe como objeto de articulação ou segmentaridade, como traço de fragmentos sociais, com territorialidades, em que podemos perceber os movimentos de rupturas e tensões que decorrem também num processo de desterritorializações e desestratificações. [...] Para compreendermos o hipertexto, um dos melhores arquétipos é a ideia de rizoma como um modelo de crescimento orgânico caótico, em que não precisa seguir hierarquia de informação, e é interceptado e ramificado pela contaminação em diversos meios, de forma que todos os extremos, meios e entradas funcionem como uma comunicação em rede. (2014, p. 75)

Ainda segundo o mesmo autor, sob a concepção deleuziana, há princípios norteadores em uma obra rizomática e estes envolvem a ideia de multiplicidade como diversidade, construindo coletivamente uma subjetividade que transcende a subjetividade do autor, tornando a obra hipertextual em uma heterogeneidade que apresenta uma diversidade de linguagem em um emaranhado de articulações e desconexões entre linguagens verbais e não-verbais.

Neste sentido, é possível perceber que, se o hipertexto não se trata de uma construção linear com início, meio e fim, ele requer que o leitor explore as opções disponibilizadas nos *links* e que construa uma conexão que faça sentido entre eles (BRAGA, 2004). A ligação remissiva, as notas de rodapé, as referências que possuem o intuito de remeter à outras informações são o que denomina Lévy (1998) de “aparelhagem de leitura artificial”; é possível ler um hipertexto a partir de qualquer ponto conhecido pelo leitor, não havendo um percurso pré-determinado pelo autor, no entanto, é importante lembrar que isso também é possível em um texto impresso ou tradicional, mas, diferente do hipertexto, possui organizações como capítulos e introdução. (FREIRE, 2003)

Complementando as ideias até aqui, Leão (2001) explica que a construção destas teias informacionais envolve o trabalho de diversas mentes que são distribuídas em diversas páginas, ou seja, elas não se encontram localizadas em um centro, mas em um caráter de autogeração que a internet se insere. Neste contexto, é possível compreender que o hipertexto proporciona novas maneiras de aprendizagem e troca de informações dentro de várias combinações diferentes de interações.

Desta forma, a escrita e a produção textual passa por uma importante hibridação quando nos referimos a elas no ambiente web e tal hibridação exige do leitor um maior grau de envolvimento e domínio das ferramentas digitais e conhecimento do ambiente digital para depois começar a fazer as devidas apropriações informacionais. Para Ferrari (2014) o hipertexto pode funcionar como uma ferramenta para reconstruir a memória coletiva, a autora se apoia em Pierre Lévy que propõem três classificações de mensagens: somática, midiáticas e digitais.

A primeira se pauta na presença efetiva, por exemplo, performances ao vivo, dança, teatro, música, etc. As midiáticas tratam-se daquelas que reproduzem as mensagens conseguindo alcance e difusão maiores como carimbos, pinturas, escrita,

entre outros. Sobre as mensagens digitais, a autora explica:

As novas tecnologias de informação, em especial as formas hipertextuais, vêm preencher uma lacuna dupla, seja em permitir o acesso à rede de informação como também o acesso a arquivos pessoais ou coletivos, que serão remixados, numa eterna bricolagem de narrativas, sejam elas textuais, imagéticas, audíveis ou sensoriais. Não é mais o mundo interior do autor que aflora no meio digital e nem a rede que invade os *mass media* tradicionais. (FERRARI, 2014, p. 85)

Visto isso, conclui-se que a forma de produzir, disseminar e receber as informações da mídia eletrônica se diferencia dos meios tradicionais porque perde-se a característica de um para um, para ser múltiplo. Para Lévy:

O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecnocosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador **hipertextual**, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: O ciberespaço em si. (Lévy, 1993 *apud* FERRARI, 2014)

Sendo assim, o conhecimento também está no ciberespaço. Hoje, a oralidade, a escrita e a informática coexistem reafirmando a importância do letramento informacional como prática social no desenvolvimento intelectual individual. É importante ressaltar que o hipertexto se trata de mais um aparato de leitura e neste sentido, podemos verificar que o hipertexto proporciona um novo método de aprendizagem uma vez que nele está contido remissivas que podem funcionar como acesso a informações complementares além de a flexibilidade da estrutura que permite o leitor ocupar ao mesmo tempo, o papel de autor, mediador e leitor. Por fim a informação é um constructo, portanto, é preciso aprender a informar e a informar-se.

2 O PROTAGONISMO FRENTE AO HIPERTEXTO

As Tecnologias Digitais de Rede (TDRs) que compõem o contexto sociocultural contemporâneo que caracterizam artefatos técnicos que proporcionam novas maneiras de participação, interação, expressão e comunicação reafirmam a possibilidade de trocas e compartilhamento de informações dentro da lógica horizontal que perpetua os diferentes espaços hipertextuais e hipermediais do ciberespaço. (MALAGGI e MARCON, 2012)

Neste sentido e a respeito dos leitores, Ferrari explica:

Diariamente os leitores podem acompanhar em vídeo, áudio ou texto o que acontece em matéria de música, moda, cinema, sexo, vigem, estilo de vida e novos talentos (...) é possível opinar sobre tudo, enviar fotos, o registro de um desfile de moda ou a cobertura completa de um show da sua banda preferida diretamente do celular. Ou seja, o leitor protagoniza sua própria reportagem. (Ferrari, 2014, p. 83)

Esta percepção de Ferrari se atribui ao desenvolvimento tecnológico que proporcionou a criação de redes de comunicação que possibilita os internautas a se relacionarem com seus interesses específicos utilizando os mais variados recursos tecnológicos, meios e canais que também se inserem na expressão hipertextual. Segundo a autora, o desenvolvimento da multimídia, as novas formas de interação e acesso à informação, as conferências e redes representam um território inédito de disputa e luta na sociedade: “as redes de movimentos sociais utilizam-se da possibilidade que oferecem as redes tecnológicas, de troca horizontal de informação para fortalecer suas estratégias de conquista de espaço na sociedade” (p.87)

Neste contexto, Lévy (1998) analisa os processos comunicacionais, definindo o hipertexto como um universo de significações que se articula no momento em que os sujeitos entram em diálogo, isso quer dizer que, para acontecer a comunicação deve-se compartilhar uma rede hipertextual de significações que possibilite a troca de mensagens. O ambiente interativo de trocas informacionais presente no ciberespaço permite ao internauta fazer produções colaborativas protagonizando cada nó significativo em uma produção que caracteriza a inteligência colaborativa. Complementando esta ideia, Malaggi e Marcon (2012) ressaltam:

(...) as TDRs, podem se tornar verdadeiras potencializadoras de processo de partilha e comunhão de informações e conhecimentos ensino-aprendizagem baseado na ativação da criatividade e do protagonismo de sujeitos-autores que operam no ciberespaço, segundo a sua lógica hipertextual rizomática. (p. 119)

Desta forma, percebe-se que o que caracteriza o protagonismo e a autonomia do leitor frente a um hipertexto é a interatividade, a colaboração. Para Koch (2006) a recepção de um texto se constitui de hipertertextualidade, a diferença entre o hipertexto e um texto impresso ou que seja construído de maneira tradicional, incide no suporte, na velocidade de acesso e na possibilidade de integrar elementos. (MOREIRA e BARRETO, 2007)

CONCLUSÃO

A informação permeia todos os lugares e, portanto, estamos sempre de alguma forma em contato com diversas informações. Este contato pode existir por simples desejo de estar informado sobre acontecimentos políticos, econômicos, desenvolvimento tecnológico, avanços científicos, etc. o importante é perceber que o objetivo da informação é apreender sentidos nas significações, desta forma, a informação continua sendo o conhecimento e o meio, é a transmissão do suporte e da estrutura (LE COADIC, 2002)

Neste sentido, a informação é como o “sangue da ciência” (p. 49) e sem ela, não existiria a ciência e conseqüentemente não existiria pesquisa e conhecimento. Neste sentido, o conhecimento é registrado em um suporte e, quando circula, configura a origem das novas descobertas e dos avanços e inovações tecnológicas uma vez que dá origem a novas pesquisas e na produção de novos conhecimentos. Le Coadic problematiza a informação com objeto da Ciência da Informação que, durante muito tempo se baseava nos estudos sobre informação, conhecimento e comunicação pretendendo alcançar uma constituição como ciência. Le Coadic faz uma reflexão bastante pertinente quanto ao futuro da ciência da informação e os profissionais desta área afirmando que a preocupação com a criação de conteúdo, o armazenamento, a comunicação e o uso da informação, no atual cenário da modernidade, irá acarretar um distanciamento do suporte físico e uma aproximação à informação.

Desta forma, o estudo sobre hipertexto se mostra pertinente para as áreas da Comunicação, Ciência da Informação e a Infoeducação devido a atual dinâmica social requisitar uma educação preparada para lidar com as novas tecnologias, necessitando que haja uma apropriação destas tecnologias uma vez que possuem características que ressignificam a noção de tempo e espaço em uma era planetária que caminha para uma conexão generalizada.

Sendo assim, este trabalho apresentou uma pequena possibilidade de tantas outras para iniciar um pensamento sobre a necessidade de haver uma ressignificação sobre os processos educativos, ressignificar o papel dos professores e alunos uma vez que educar no ciberespaço permite formas de aprendizagens diversificadas nas quais a

construção de conhecimento se dá em inúmeras possibilidades. Portanto, as novas formas de comunicação, acesso, produção, mediação e apropriação necessitam de uma participação de um sujeito-autor protagonista na rede.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Denise B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: _____; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 144-162

FERRARI, Pollyana. **A hipermídia entrelaça a sociedade**. In: FERRARI, Pollyana (org.); **Hipertexto hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014. p.79-90.

FREIRE, Gustavo Henrique A. **O hipertexto como instrumento de informação em redes de comunicação**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, n. especial, p. 127-133, jul./dez. 2003.

KOCH, Ingedore G.V. **Desvendando os segredos do texto**. 5ed. São Paulo: 2006.

Le COADIC, Y. **A Ciência da informação**. Brasília : Briquet de Lemos, 2004.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34. 1998.

MALAGGI, Vitor; MARCON, Karina. **Cibercultura e Educação: algumas reflexões sobre processos educativos na sociedade tecnológica contemporânea**. Revista espaço acadêmico, n.132, ISSN 1519-6186, 2012.

MOREIRA, Walter; BARRETO, Angela Maria. **Hipertexto e autonomia do leitor**. In: BRITO, Eliana Vianna Brito; GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha. (orgs.). **Pesquisas em Linguística Aplicada: múltiplos enfoques**. Taubaté: Cabral, 2007.

MORIN, E. **Educação planetária** : conferência na Universidade São Marcos, São Paulo, Brasil, 2005. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/215283/mod_resource/content/1/MORIN_Educa%C3%A7%C3%A3o%20planet%C3%A1ria%20confer%C3%Aancia%20na%20Universidade%20S%C3%A3o%20E2%80%A6.pdf Acesso em 11 nov. 2015

NOJOSA, Urabano Nobre. **Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto**. In: FERRARI, Pollyana (org.); **Hipertexto hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014. p.69-78.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. **Novos saberes para o século XXI**. In: MENDONÇA, R.H.; MARTINS, M. F. (orgs.). **Novos saberes para a Educação**. Rio de Janeiro : ACERP ; Brasília, DF : TV Escola, 2013. p. 9-25 (TV, educação e formação de professores: salto para o futuro 20 anos, 4) Disponível em: http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto_para_o_futuro/salto_20_anos/vol_4_salto_para_o_futuro_20_anos.pdf. Acesso em: 20 nov. 2015

RANCIÈRE, J. **Políticas da Escrita**. São Paulo: Editora 34, 1995.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Hipertexto e Vannevar Bush: um exame de paternidade**. Inf: & Soc.:Est, João Pessoa, v.18,n.3,p.45-58,set/dez. 2008